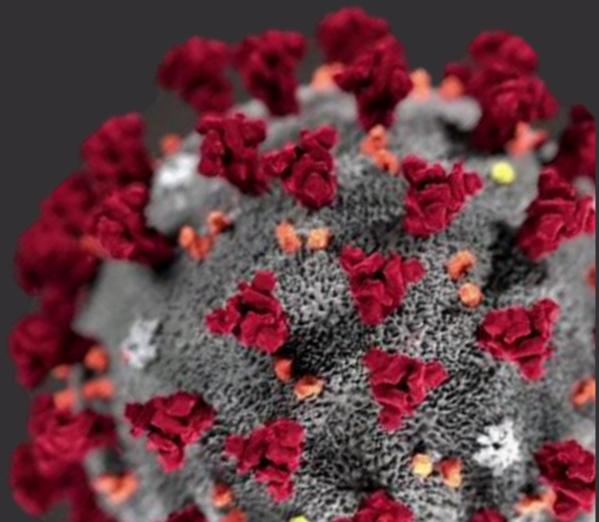


Painel de Monitoramento

Impactos da COVID-19 no mercado de trabalho de Minas Gerais



O Painel de Monitoramento do Mercado de Trabalho é uma produção da Secretaria de Desenvolvimento Social – SEDESE, por meio da Subsecretaria de Trabalho e Emprego – SUBTE, que tem por objetivo acompanhar e atualizar as principais repercussões da pandemia de COVID-19 sobre o mercado de trabalho no Estado de Minas Gerais. Nesta edição você confere:

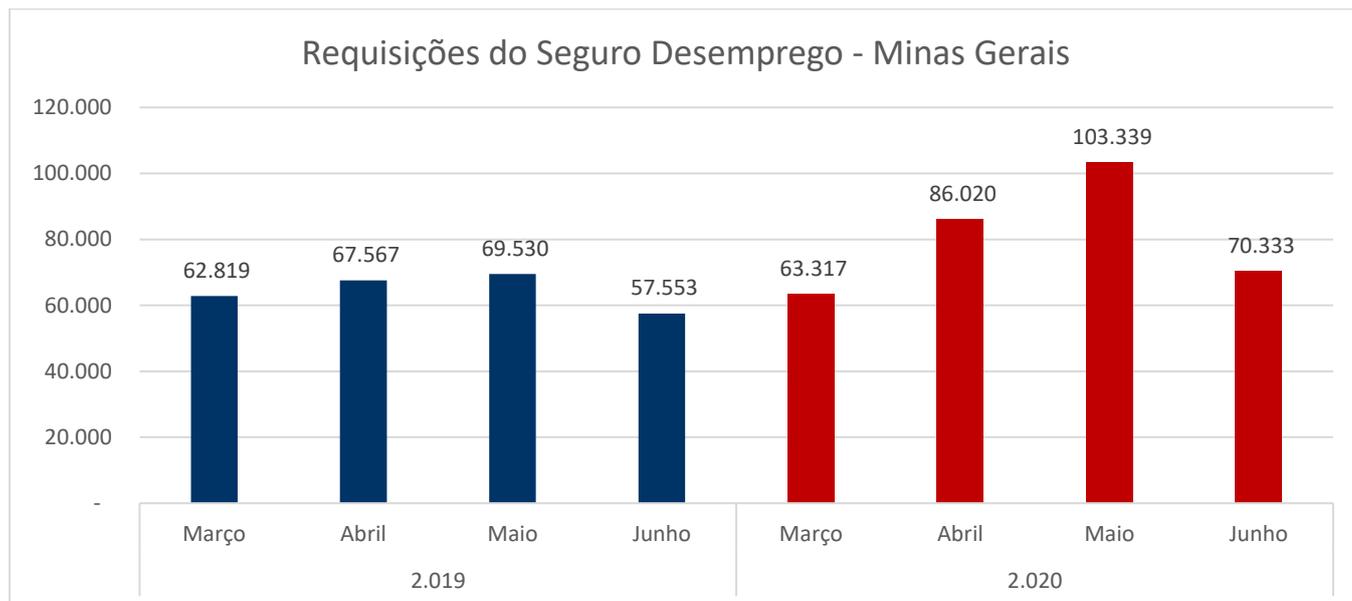
- Requisições de Seguro Desemprego;
- Estatísticas do Sine em Minas Gerais;
- Pesquisa Pulso Empresa;
- Endividamento das Famílias;
- Situação dos Trabalhadores da Construção;
- Impactos do Coronavírus no Turismo;
- Desafios para as Companhias Aéreas.

SEGURO DESEMPREGO

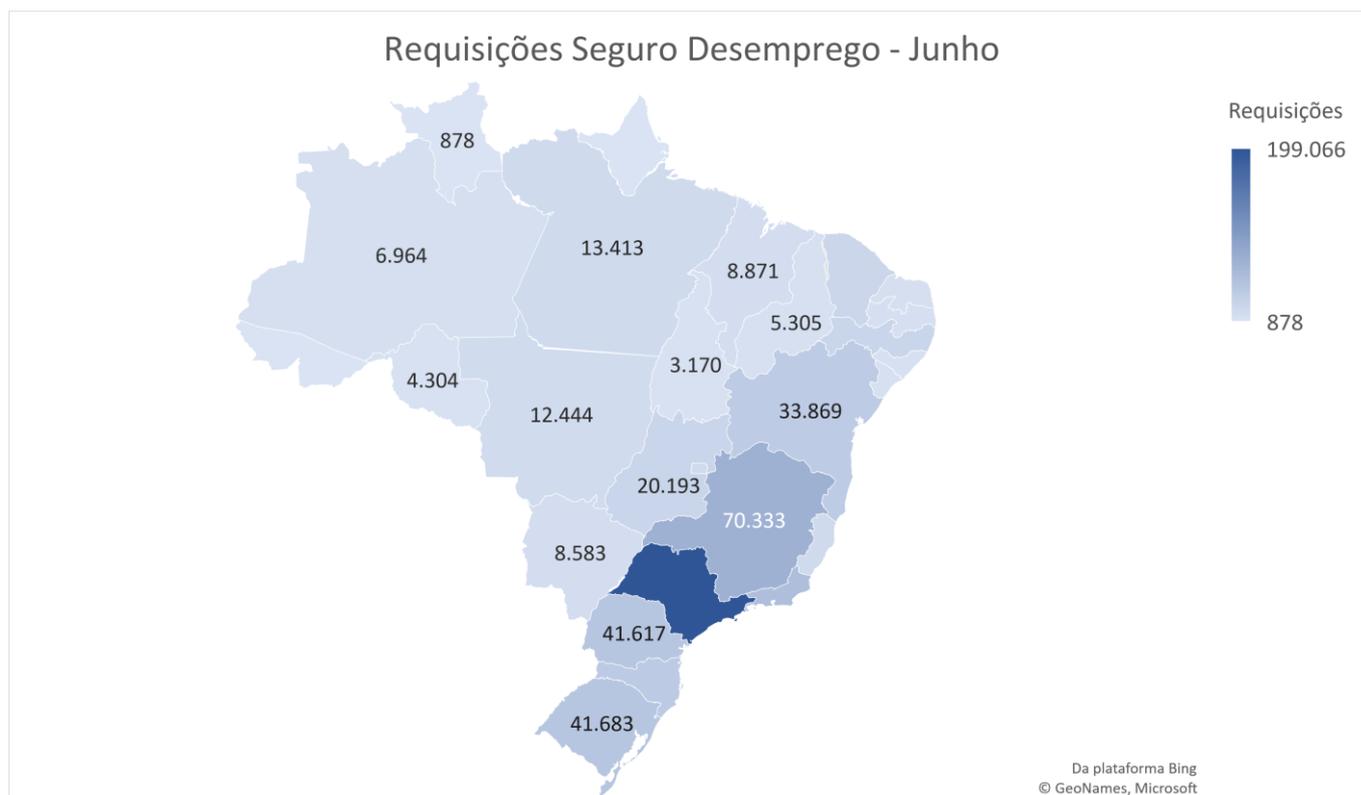
Minas Gerais ocupou a segunda posição no ranking de estados que mais demandaram o benefício em junho

Com o cenário de instabilidade econômica e fechamento de postos de trabalho no Estado de Minas Gerais, a evolução do número de solicitações do Seguro Desemprego acaba se tornando um importante indicador para dimensionar os impactos da COVID-19 sobre o mercado de trabalho formal. Segundo dados do Ministério da Economia, o número de requisições do Seguro Desemprego no Estado de Minas Gerais, durante o acumulado do mês de junho, totalizou 70.333 benefícios, uma redução de 31,9% em relação a maio. Apesar de representar a terceira queda sucessiva do indicador desde a primeira quinzena de maio, o número de requisições do Seguro Desemprego, durante o mês de junho, foi 22,2% maior do que o valor verificado no mesmo mês do ano anterior, quando 57.553 trabalhadores sacaram o auxílio. Essa diferença evidencia que, apesar da desaceleração do fluxo de demissões no mercado de trabalho formal, o cenário verificado ainda está longe de refletir uma situação de normalidade.

Destaca-se também que, diante da adoção de medidas de flexibilização da quarentena em alguns municípios do Estado de Minas Gerais, o número de requisições feitas pelos canais digitais perdeu representatividade frente às solicitações presenciais. Em abril de 2020, durante o início da epidemia de COVID-19, as requisições digitais chegaram a 88,3% do total, ao passo que, em junho, esse número estagnou nos 60%, o equivalente a 46.430 trabalhadores.



Fonte: Ministério da Economia ([Coordenação-Geral de Gestão de Benefícios](#))



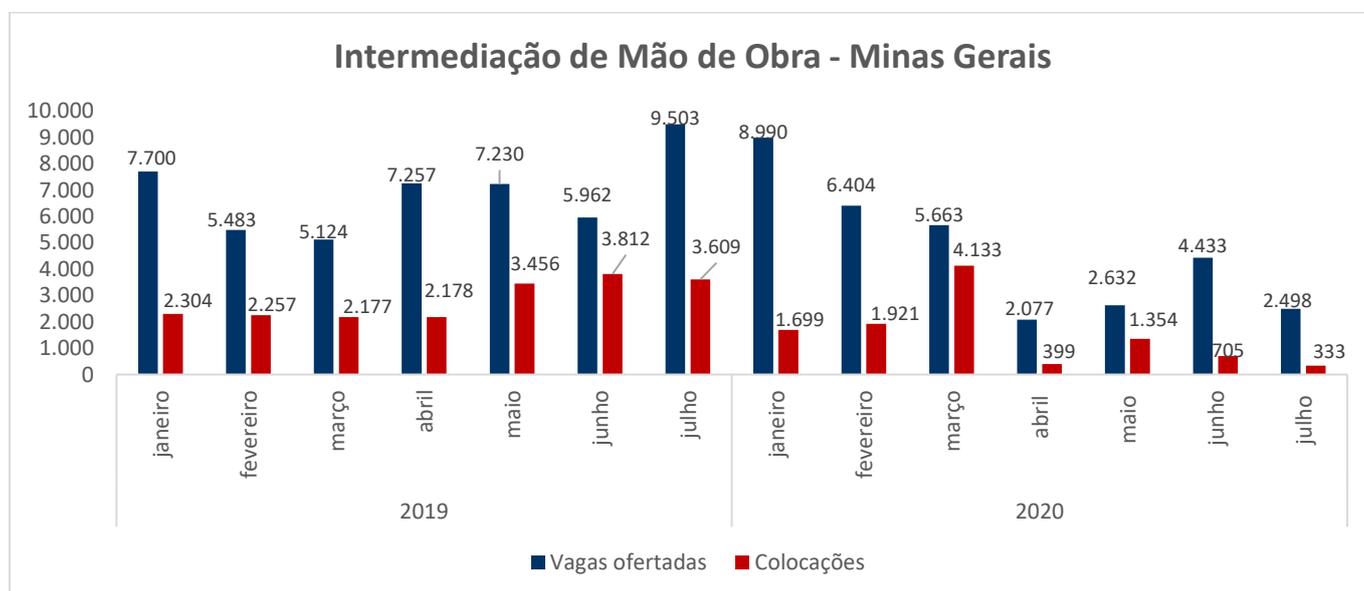
Fonte: Ministério da Economia ([Coordenação-Geral de Gestão de Benefícios](#))

Dentre as unidades da federação, o Estado de Minas Gerais foi o segundo maior demandante de benefícios em junho de 2020, ficando atrás apenas de São Paulo, que ocupa a primeira posição no ranking, com mais de 199 mil requisições. Em todo o Brasil, 653.160 trabalhadores formais solicitaram o Seguro Desemprego. Destes, a maioria é composta por homens (60,4%) e pessoas com faixa etária entre 30 a 39 anos. Destaca-se também que, se analisadas as faixas salariais dos trabalhadores desligados durante a pandemia, a menor proporção (2,1%) corresponde a remunerações acima de R\$ 7.315, o que evidencia uma resistência dos empregadores em demitir funcionários qualificados em cargos estratégicos.

ESTATÍSTICAS DO SINE

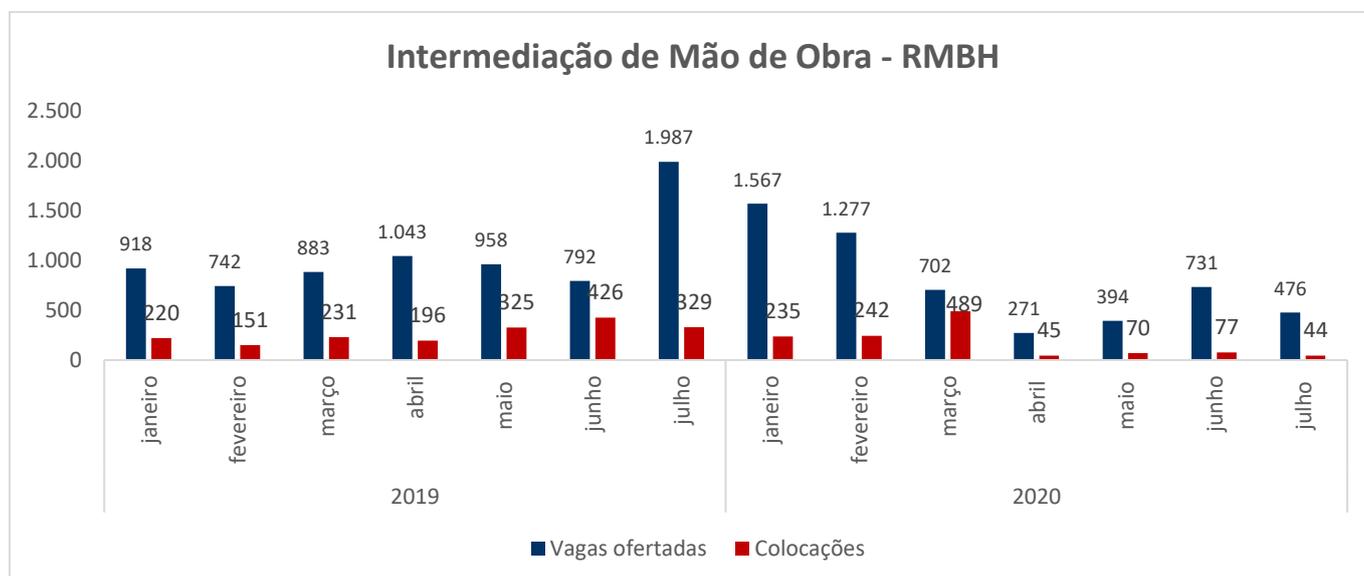
Serviços são oferecidos em regime de teletrabalho

As unidades de atendimento do SINE em Minas Gerais registraram 538.440 atendimentos entre janeiro e julho de 2020 (até 16/07), nos diferentes serviços ofertados pela rede, como habilitação do Seguro Desemprego e intermediação de mão de obra, que contempla encaminhamento para vagas de emprego, captação de vagas e colocação de trabalhadores no mercado de trabalho. A interrupção dos atendimentos presenciais nas unidades do Sine a partir do dia 23 de março implicou na diminuição dos resultados apresentados até maio do presente ano, se analisado o comparativo com o mesmo período de 2019 – mesmo adotando-se o regime de teletrabalho. Os gráficos abaixo detalham essa realidade no Estado de Minas Gerais e na Região Metropolitana de Belo Horizonte:



Fonte: Ministério da Economia – Base de Gestão IMO/SD

Dados referentes ao mês de julho computados até o dia 16/julho



Fonte: Ministério da Economia – Base de Gestão IMO/SD

Dados referentes ao mês de julho computados até o dia 16/julho

PESQUISA PULSO EMPRESA

Das mais de 716 mil empresas fechadas definitivamente na primeira quinzena junho, maioria são de pequeno porte

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgou os primeiros resultados da Pesquisa Pulso Empresa, que acompanhará, quinzenalmente, os efeitos decorrentes da pandemia do novo Coronavírus nas atividades das empresas e no comportamento dos empresários dos setores da Indústria, Construção, Comércio e Serviços. Os dados divulgados mostram que, na primeira quinzena de junho, o número total de empresas no Brasil era de 4,0 milhões e que, deste total, 67,4% (2,7 milhões) estavam em funcionamento total ou parcial, 15% (610,3 mil) estavam fechados temporariamente e 17,6% (716,4 mil) tiveram suas atividades encerradas definitivamente. Deste último grupo, 99,8% dos empreendimentos (715,1 mil) eram de pequeno porte, 0,2% (1,2 mil) de médio porte e nenhum de grande porte, o que evidencia o maior risco de falência dos pequenos negócios em meio à pandemia. Ainda sobre as empresas fechadas definitivamente no país, a maior parte pertencia ao setor de Serviços (46,7% ou 334,3 mil), seguido dos setores de Comércio (36,5% ou 261,6 mil), Construção (9,6% ou 68,7 mil) e Indústria (7,2% ou 51,7 mil).

Sobre os efeitos da crise no quadro de pessoal, a pesquisa mostrou que 6 em cada 10 (ou 61,2% das empresas) mantiveram na primeira quinzena de junho o mesmo número de empregados que tinham no período anterior à pandemia. No entanto, 34,6% reduziram o quadro de funcionários e apenas 3,8% aumentaram. Dentre as empresas que reduziram o número de trabalhadores contratados, cerca de 37,6% demitiram até $\frac{1}{4}$ de profissionais, enquanto para 32,4% dos empregadores esse corte ficou entre $\frac{1}{4}$ e $\frac{2}{4}$ do quadro anterior. O pior cenário, contudo, é verificado em 29,7% das empresas pesquisadas, que tiveram demissões superiores a 50% do total de empregados. O gráfico abaixo detalha como os empreendimentos respondentes declararam a situação da movimentação de trabalhadores:

Qual foi o efeito da pandemia de COVID-19 sobre o número de funcionários na empresa ao final da primeira quinzena de junho em relação ao período anterior ao início da pandemia?

Agregação	Houve redução	Não houve mudança	Houve aumento	Não sabe responder
Total				
Total	34,6%	61,2%	3,8%	0,5%
Atividade				
Indústria	29,8%	66,7%	3,3%	0,1%
Construção	45,2%	42,6%	11,7%	0,5%
Comércio	35,2%	61,9%	2,9%	0,0%
Comércio Varejista	40,0%	57,6%	2,5%	0,0%

Comércio por atacado	21,7%	77,9%	0,4%	0,0%
Comércio de veículos, peças e motocicletas	18,2%	72,5%	9,3%	0,1%
Serviços	33,8%	61,2%	3,9%	1,1%
Serviços prestados às famílias	35,5%	57,2%	7,3%	0,0%
Serviços de informação e comunicação	27,3%	71,9%	0,8%	0,0%
Serviços profissionais, administrativos e complementares	37,5%	61,8%	0,7%	0,0%
Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio	32,2%	57,9%	6,5%	3,4%
Outros serviços	28,9%	62,9%	4,9%	3,3%

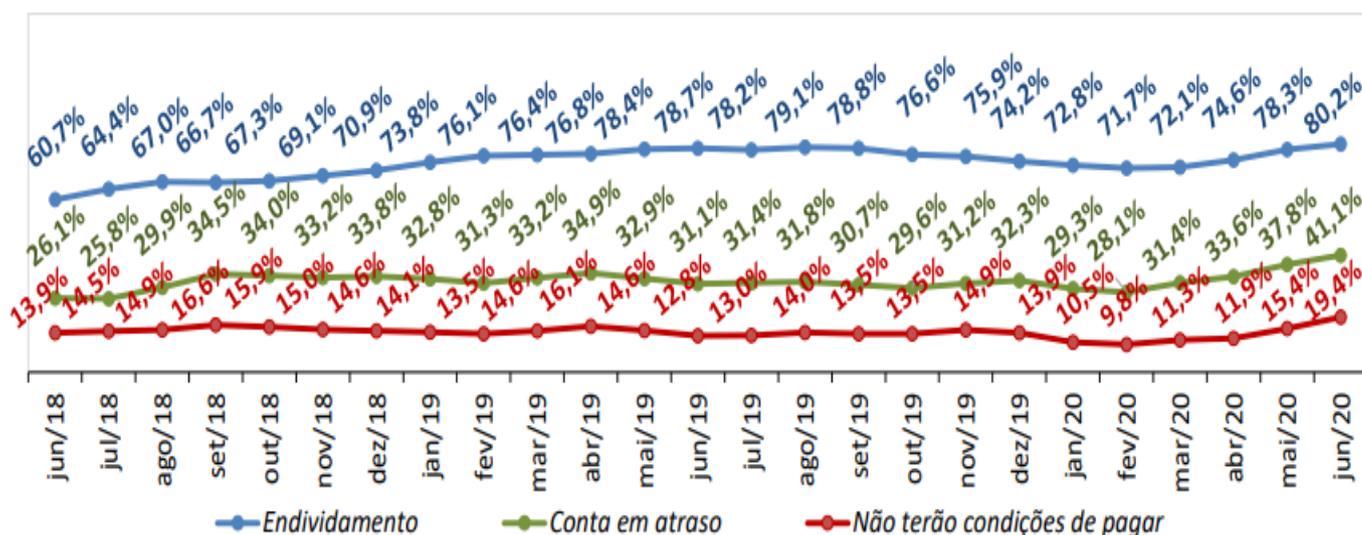
Fonte: IBGE, Pesquisa Pulso Empresa.

ENDIVIDAMENTO DAS FAMÍLIAS

Quase 20% das famílias de Belo Horizonte declararam não ter condições de quitar suas dívidas

Os resultados da Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (Peic) do mês de junho, para a cidade de Belo Horizonte, mostraram que o percentual de famílias endividadas voltou a subir, mantendo a tendência de crescimento observada desde o mês de março. Em junho, o percentual de famílias endividadas chegou a 80,2%, 1,9 pontos percentuais (p.p) acima do percentual de maio (78,3%) e 8,1 p.p acima do percentual de março (72,1%). Segundo o economista-chefe da Fecomércio MG, Guilherme Almeida, o recente crescimento do endividamento das famílias guarda relação com o avanço da pandemia do novo Coronavírus no Brasil. “O avanço do endividamento vinha apoiado no crescimento do mercado de crédito. Mas, com a crise do coronavírus, o espaço para ampliar esse crédito diminuiu e muitas famílias endividadas se tornam inadimplentes” explicou o economista. O gráfico abaixo apresenta a flutuação do percentual de famílias com dificuldades para honrar seus compromissos em cada um dos critérios analisados:

Endividamento: junho de 2018 a junho de 2020



Fonte: Fecomércio MG.

A pesquisa mostrou ainda que a quantidade de famílias com contas atrasadas subiu 3.3 p.p no mês de junho em relação ao mês de maio, atingindo 41,1% do total. Também chamou atenção o crescimento do número de famílias que não possuem condições de quitar suas dívidas, número que voltou a crescer em junho e chegou a 19,4%, após uma variação positiva mensal de 4,0 p.p., sendo este o percentual mais elevado desde 2018. Segundo o economista-chefe da Federação, as famílias precisam negociar suas dívidas junto aos credores para que não sofram uma redução

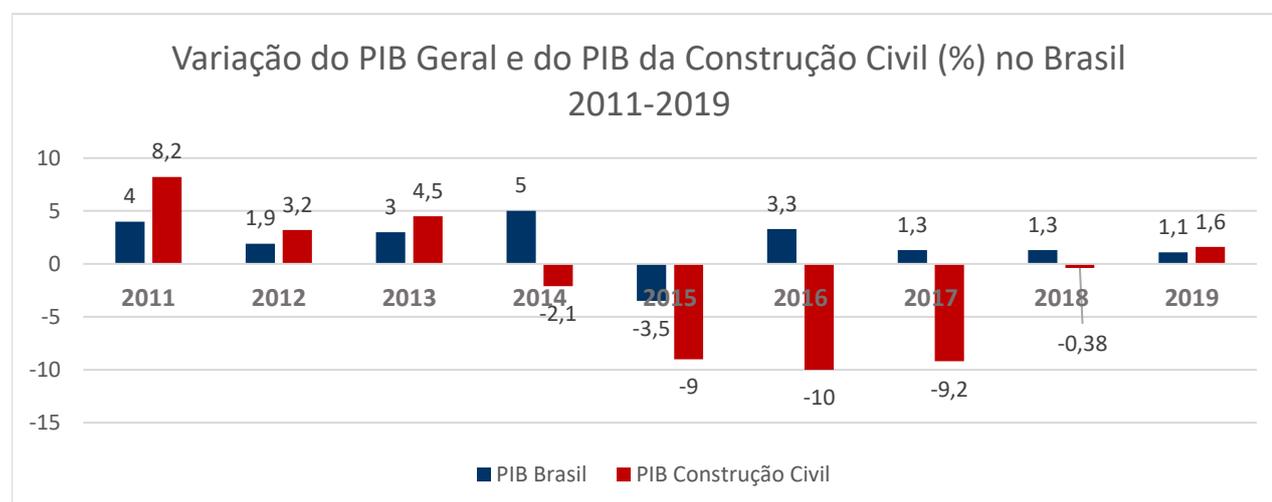
ainda maior do poder de compra. “Os consumidores devem procurar os seus credores para ampliar os prazos de pagamento, reduzir os custos de suas despesas ou mesmo trocar uma dívida cara e de curto prazo por outra mais barata”, orienta.

A Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (Peic), é realizada mensalmente pela Fecomércio MG, com dados da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC).

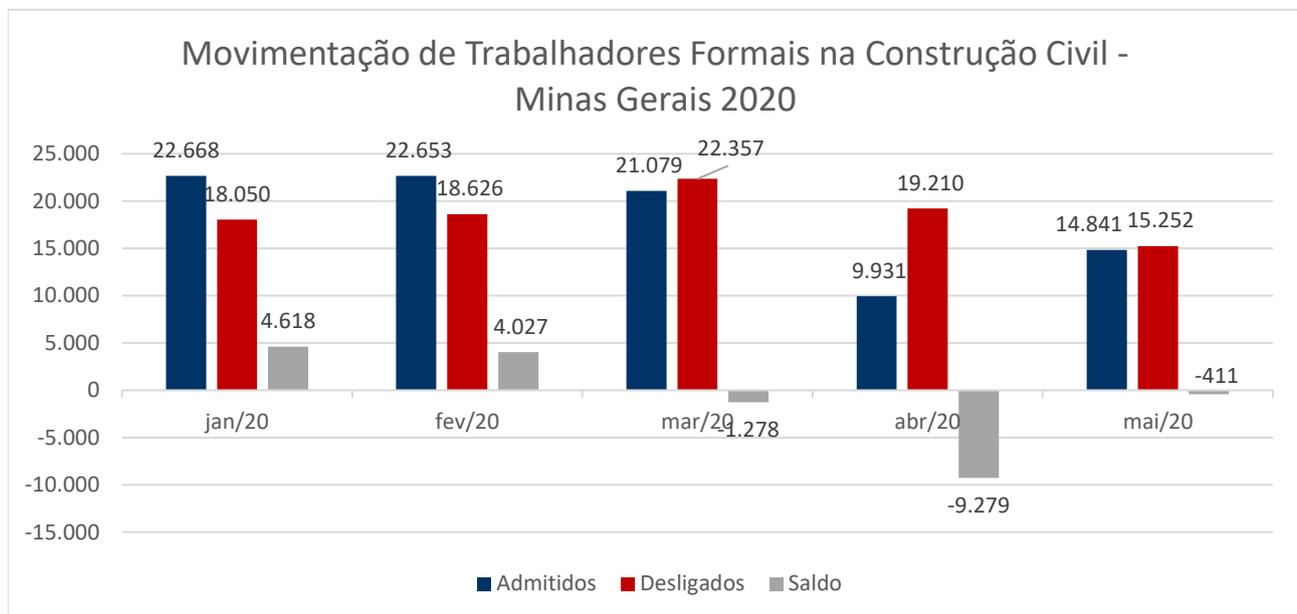
CONSTRUÇÃO CIVIL

Setor da construção civil apresenta sinais de perda de dinamicidade

O Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE) publicou um estudo com indicadores conjunturais recentes que mostram que o setor da construção civil, que vinha apresentando maior dinamicidade, a partir do 2º semestre de 2019, começou a dar sinais de desaceleração em 2020, mesmo antes da pandemia da COVID-19. O estudo evidencia que, em 2019, o segmento constituiu um importante nicho de geração de postos de trabalho, abrigoando 41,9% do total os ocupados por conta-própria sem contribuição para a Previdência e 61,8% dos empregados sem carteira de trabalho no setor privado, números que indicam a alta taxa de informalidade dos vínculos. Além disso, a construção civil vinha representando parcela significativa do PIB nacional, conforme indicado no gráfico abaixo:



O estudo do DIEESE indica que boa parte da perda de dinamicidade do setor da construção civil ocorreu em função da menor injeção de investimentos, situação que foi agravada com a chegada da pandemia de COVID-19 no Brasil. Os investimentos produtivos no setor, que estavam crescendo até o primeiro bimestre de 2020, tiveram sucessivas quedas nos meses de março (-1,5%) e abril (-25,6%). Destaca-se também que, no Estado de Minas Gerais, apesar das medidas para contenção da propagação do novo Coronavírus, a maioria das obras de infraestrutura geridas pelo governo estadual se mantiveram ativas em maio de 2020, o que pode ter minimizado os impactos sobre o setor. No contexto mineiro, que ocupa a segunda posição no ranking de unidades da federação com maior participação de trabalhadores da construção civil em relação ao total de profissionais gerais, as oscilações no segmento influenciam as condições de geração de renda de milhares de famílias. O gráfico abaixo apresenta a movimentação de trabalhadores formais na construção civil em 2020:



Fonte: Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED) - Ministério da Economia

TURISMO

Setores de viagens aéreas e hotelaria em Minas Gerais apresentam sinais de melhoria em julho

Periodicamente, o Observatório do Turismo em Minas Gerais divulga boletins sobre o impacto do novo Coronavírus no âmbito do turismo mineiro. O último boletim, divulgado em 10 de julho, informa sobre a evolução do total de casos de COVID-19 e o reflexo da pandemia nos hotéis e aeroportos. Em Minas Gerais, de acordo com a empresa In Loco, no dia 09 de julho, o índice de isolamento social foi de 37,2%, percentual abaixo da média nacional (39,3%). No ranking dos estados com maior índice, Minas Gerais ocupou a 24ª posição. Quanto à evolução do número de casos confirmados de COVID-19 no estado, dados divulgados pela Secretaria de Estado de Saúde de Minas Gerais (SES), no dia 10 de julho, mostraram que o número total chegou a 70.086.

Sobre o impacto na operação da malha aérea, o boletim mostrou que a situação dos aeroportos já apresenta sinais de melhora. No mês de maio, foram realizados 384 pousos de aeronaves em Minas Gerais, número 92,52% menor que o registrado em maio de 2019, com 25.651 pessoas desembarcadas. Apesar disso, o volume de passageiros que desembarcaram em Minas Gerais no mês de maio foi 39,9% maior que o registrado no mês de abril deste ano. Ademais, segundo a BH Airport, existem 1.400 voos previstos para o mês de julho no Aeroporto Internacional de Belo Horizonte, o que é bastante positivo já que o número representa um crescimento de 75% em relação ao mês de junho, quando o total de voos chegou a 800. O setor de hotelaria, outro fortemente prejudicado pela pandemia, também apresentou sinais de melhora. Em junho, a taxa de ocupação dos hotéis de Belo Horizonte foi de 18,52%, superando o resultado do mês de maio que ficou abaixo dos 15%. O gráfico abaixo apresenta a taxa de ocupação em estabelecimentos de hotelaria na capital mineira nos meses de maio e junho de 2020:



Fonte: [Observatório do Turismo de Minas Gerais](#)

Espaço de divulgação de boas práticas

O projeto Arte Salva é uma realização do Governo de Minas Gerais, em parceria com o Sesc Minas Gerais, que consiste na criação de uma rede de solidariedade para prestar assistência aos empreendedores da Cultura e Turismo do estado. Desde o lançamento do projeto em junho, foram distribuídas 25,9 toneladas de alimentos para 113 entidades, beneficiando 73 mil pessoas. Para mais informações, [clique aqui](#).



CONFIANÇA DO EMPRESÁRIO INDUSTRIAL

Índice tem maior variação positiva da série em junho

O Índice de Confiança da Indústria (ICI) da Fundação Getúlio Vargas aumentou 16,2 pontos em junho, alcançando 77,6 pontos, a maior variação positiva da série histórica. A alta de 19,4 pontos nos últimos dois meses, contudo, recupera apenas metade dos 39,3 pontos perdidos entre março e abril. “Em junho, a confiança do setor industrial avançou de maneira expressiva e disseminada entre todos os segmentos. Exceto pelos estoques, que se mantiveram estáveis, todos os demais indicadores apresentaram melhora significativa, embora permaneçam em nível muito baixo. A maior contribuição para a alta no mês vem da produção prevista, que sinaliza forte aceleração da produção no terceiro trimestre em relação ao segundo trimestre. De maneira geral, os resultados sugerem que o pior momento tenha passado para a indústria, apesar de estarmos longe dos níveis anteriores ao início da pandemia e de haver elevada incerteza em relação ao ambiente de negócios para os próximos seis meses, que pode comprometer a velocidade da recuperação”, comenta Renata de Mello Franco, economista da FGV IBRE.

Em junho, todos os 19 segmentos industriais pesquisados tiveram aumento da confiança. Este resultado é atribuído à forte melhora da percepção dos empresários em relação ao momento presente e, principalmente, para os próximos três meses. O Índice de Expectativas subiu 21,3 pontos, para 76,2 pontos. Já o Índice de Situação Atual cresceu 10,6 pontos, para 79,2 pontos. A maior contribuição para a alta neste mês veio da redução do pessimismo dos empresários sobre a produção nos próximos três meses. O indicador de produção prevista saltou de 46,9 pontos para 82,9 pontos, recuperando 48,3 pontos desde maio, ou 71% do que foi perdido entre janeiro e abril. Houve forte queda da proporção de empresas prevendo nível de produção menor para os três meses seguintes (de 63,9% para 36,4%) e aumento do percentual de empresas esperando nível maior (de 13,5% para 30,7%). Além disso, os indicadores de emprego previsto e tendência dos negócios subiram 17,8 pontos e 9,1 pontos, para 76,5 pontos e 70,5 pontos respectivamente.